



doi: 10.7213/psicol.argum.34.087.AO01

Projetos de vida e constituição de identidades juvenis na interface com a religião e a política

Life projects and constitution of youth identities in relation to religion and politics

Thaís Serafim^[a], Frank Antonio Mezzomo^[b], Cristina Satiê de Oliveira Pátaro^[c]

^[a] Mestre em Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD/Unespar). Docente e Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Integrado de Campo Mourão, Campo Mourão, PR - Brasil, e-mail: serafim_thais@hotmail.com

^[b] Doutor em História Cultural (UFSC). Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD/Unespar), Campo Mourão, PR – Brasil, e-mail: frankmezzomo@gmail.com

^[c] Doutora em Educação (USP, linha de pesquisa: Psicologia e Educação). Bolsista Produtividade pela Fundação Araucária. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD/Unespar), Campo Mourão, PR – Brasil, e-mail: crispataro@gmail.com

Resumo

Compreendendo o projeto como a prefiguração de ações em um cenário de valores, a pesquisa analisa os projetos de vida de jovens ingressantes em 2014 na Universidade Estadual do Paraná (Unespar), nas interfaces com o engajamento e pertencimento religioso e político. Os dados foram coletados por meio de questionário aplicado aos 282 ingressantes do câmpus de Campo Mourão, bem como de entrevistas semiestruturadas realizadas junto a 3 jovens de diferentes pertencimentos religiosos. Os resultados indicam que os projetos de vida dos jovens denotam um sentimento de insegurança e incerteza, e se articulam

a preocupações específicas quanto ao futuro e ao mundo do trabalho. Ademais, chama atenção a relevância da religiosidade na vida dos jovens, sendo que os valores transmitidos pela religião perpassam pelas vidas e projetos dos participantes. A análise indica ainda uma maior participação e vinculação religiosa se comparada à participação em atividades da política institucional, sobretudo aquelas atreladas ao Estado. Foi ainda expressiva a participação dos jovens em atividades de cunho social e assistencial, muitas delas incentivadas pela própria religião, o que permite especular acerca de novas formas e estratégias de participação política e social.

Palavras-chave: Adolescente. Estudantes. Religião. Política.

Abstract

Understanding the project as a foreshadowing of shares in a scenario of values, the research analyzes the life projects of entering young students in 2014 at the State University of Paraná (Unespar), in relation to the religious belonging and the political engagement. A survey was conducted to 282 university students at the Campo Mourão campus, as well as semi-structured interviews with three youths from different religions. The results indicate that the youth life projects reflect a sense of insecurity and uncertainty, and are linked to specific concerns about the future and the world of work. Furthermore, it is highlighted the relevance of religion to young people, in face of the influence of the religious values in the participants' life projects. The analysis also indicates a greater participation and religious belonging compared to participation in activities of institutional policy, especially those linked to the state. It was also significant the youth participation in social and welfare nature activities, many of them encouraged by the religion, making possible to speculate about new paths and strategies of political and social participation.

Keywords: Adolescent. Students. Religion. Politics.

Introdução

Diante de transformações e desafios impostos pela contemporaneidade, a juventude tem sido apontada como a parcela da sociedade que vive mais intensamente todo esse processo, de modo que compreender as vivências e as especificidades dessa etapa da vida na atualidade implica analisar, de modo mais aprofundado, o próprio contexto contemporâneo. Os jovens devem ser capazes de constituir suas identidades e projetar seu futuro em um mundo de incertezas e inseguranças, dadas por questões relacionadas à empregabilidade e às instabilidades do mercado de trabalho, às desigualdades e injustiças marcantes, assim como a outras dinâmicas características da contemporaneidade (Beck, 2011; Bauman, 2007; Giddens, 2002). Ao mesmo tempo, a juventude tem sido vista em seu potencial de transformação social, na medida em que, fortalecidas suas possibilidades de engajamento social e participação política, suas demandas podem inclusive suscitar pressões por mudanças junto ao poder público e à sociedade (PNUD, 2014a, 2014b; Leccardi, 2005).

É durante a etapa da juventude que os sujeitos têm a possibilidade de enxergar as mudanças que lhes estão ocorrendo e, ao mesmo tempo, tornam-se também capazes de projetarem-se para o futuro e conhecerem a si mesmos (Melucci & Fabbrini, 2000). Tendo em vista o cenário contemporâneo, a construção de projetos de vida pelos jovens apresenta-se como uma dinâmica complexa, permeada por um grande número de possibilidades e

incertezas (Damon, 2009; Leão, Dayrell & Reis, 2011). Certamente, não é apenas durante essa etapa da vida que as questões concernentes ao futuro são apresentadas ao sujeito, mas é aos jovens que tal demanda ocorre com maior frequência e intensidade, uma vez que, na ânsia de vê-los tornarem-se sujeitos adultos ativos e produtivos, algumas indagações passam, repetidamente, a fazer parte do cotidiano juvenil, dentre as quais a que mais se destaca: o que você quer para a sua vida?

No que se refere especificamente à constituição de projetos na e da juventude, Dayrell (1999) afirma que um projeto se realiza na junção de duas variáveis. A primeira diz respeito à identidade, ou seja, quanto mais o jovem se conhece, experimenta as suas potencialidades individuais, descobre o seu gosto, aquilo que sente prazer em fazer, maior será a sua capacidade de elaborar o seu projeto de vida. A segunda diz respeito ao conhecimento da realidade, ou seja, quanto mais o jovem conhece a realidade em que se insere, compreende o funcionamento da sociedade com seus mecanismos de inclusão e exclusão e tem consciência do seu campo de possibilidades, maiores serão as chances de elaborar e de implementar o seu projeto.

Ao adentrar no universo dos projetos de vida dos jovens, Damon (2009) propôs um conceito para aquilo que, em inglês, refere-se ao *purpose*. O autor define *purpose* como “uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências para além do eu” (Damon, 2009, p. 53). Na tentativa de tradução para a língua portuguesa, o conceito foi denominado projeto vital, tendo como premissa de que o termo projeto por si só não abarca toda a definição do conceito de *purpose*, e o termo projeto vital passa a pressupor toda a centralidade que este projeto ocupa na vida dos sujeitos, sendo parte constituinte do self (Danza, 2014; Arantes, Danza, Pinheiro, & Pátaro, 2016).

O conceito proposto por Damon parece ir ao encontro das noções que vinculam o projeto de vida à ideia de abertura ao novo e à incerteza perante o futuro, como é o caso da discussão de Machado (2004). Para este último, um projeto pode ser entendido enquanto a antecipação de uma ação, envolvendo uma referência ao futuro. O autor ainda chama a atenção para a relação de interdependência entre futuro e projeto, já que um não se consolida sem a possibilidade do outro. Sendo assim, buscamos constantemente a antecipação de um futuro que mantemos em aberto, definimos as metas a serem perseguidas e lançamo-nos para frente, tentando alcançá-las. Desta forma, agimos sobre a realidade vivida por meio de nossas escolhas, buscando transformá-las no sentido de nossas aspirações.

Os jovens constroem seus projetos de vida com base em interesses e valores pessoais, e são também orientados pelas relações que estabelecem com outras pessoas e por outros elementos presentes nas diferentes esferas de convivência e sociabilidade, dimensões na qual se inserem a religião e a política. Assim, os projetos de vida, entendidos como a prefiguração de ações em um cenário de valores (que agrega, portanto, a dimensão moral), possibilitam a elaboração de trajetórias singulares e a constituição de identidades de forma intersubjetiva e articulada aos projetos coletivos da sociedade (Machado, 2004).

Com efeito, diferentes investigações vêm evidenciando as articulações entre a religião e a constituição da identidade dos jovens (Novaes, 2012; Tavares & Camurça, 2009; Sofiatti, 2011), ressaltando inclusive a centralidade que a religião tem assumido enquanto valor, à frente de outros elementos como a escola e os amigos. De forma análoga, a religião tem sido valorizada pelos sujeitos jovens, ainda que haja indícios de novos modelos de pertencimento e vínculo religioso, de modo que não é possível apontar para um indife-

rentismo religioso por parte da juventude, mesmo para aqueles que se denominam sem-religião (Fernandes, 2011; Bonini, Mezzomo, & Pátaro, 2015). Assim, podemos dizer que, diante da instabilidade das estruturas sociais, políticas e culturais brasileiras, resultante de ausências no campo da educação formal, da empregabilidade no mercado de trabalho e da confiança no universo político, as religiões parecem servir como instituições geradoras de significados e de sentido a projetos individuais e coletivos.

Quanto às interrelações entre juventude e política, a literatura vem indicando um distanciamento por parte dos jovens do que se compreende tradicionalmente pela participação política, especialmente daquela atrelada à institucionalidade do Estado. Observa-se, por outro lado, o surgimento de novas estratégias de participação e engajamento político dos jovens – conselhos de juventude, redes sociais, fóruns, etc. – além de novas pautas políticas, relacionadas tanto a questões universais (consciência planetária) quanto ao cotidiano da juventude, tais como o mundo do trabalho, o lazer, a ação solidária, a violência, a sexualidade (Montoya, 2010; Boghossian & Minayo, 2009). É válida, ainda, a menção às “Jornadas de Junho”, como ficaram conhecidas as manifestações ocorridas no Brasil em meados de 2013, quando parcelas significativas da juventude, em especial das grandes cidades, empreenderam movimentações populares a partir de pautas e lideranças difusas, com estratégias pouco institucionalizadas, de forte repercussão midiática e ainda pouco compreendidas pela literatura (Scherer-Warren, 2014). Soma-se a isso as manifestações de rua que passaram a ocorrer em todo o país a partir de então, com forte protagonismo de jovens, além dos atuais movimentos de ocupação das escolas pelos estudantes de Ensino Médio em protesto à reestruturação curricular e demais políticas restritivas constantes na Proposta de Emenda à Constituição – PEC 241/55. A PEC 241/55 trata de uma demanda do Governo Federal enviada ao Congresso Nacional, visando, entre outros, a restrição no teto dos recursos da união destinados aos investimentos primários – dentre as quais consta a educação. Tem sido alvo de discussões e protestos em todo o país, constando em especial na pauta dos jovens que passaram a ocupar as Escolas de Ensino Médio em todo o Paraná, e de outros estados da Federação.

Nos dias atuais, verifica-se uma desenergização da política institucional, resultado da ineficiência e da imoralidade que vem permeando o campo político brasileiro. A renovação, em parte, tem vindo da indignação moral da juventude, que funciona como provedora de energia, apontando para novas possibilidades de ação (Ribeiro, 2004). Há, assim, a necessidade de se questionar a noção de participação política para além do viés das instituições e da representação partidária. As manifestações e as pautas reivindicatórias da contemporaneidade são marcadamente parciais, temporárias e imediatas, o que as torna mais emocionais e pragmáticas e menos ideológicas do que o eram há algumas décadas (Castro, 2008; Dubar, 2006).

Diante de tal conjuntura, cabe indagar acerca do processo de constituição das identidades juvenis no contexto contemporâneo. Em sintonia com tal discussão, portanto, o artigo analisa os projetos de vida de jovens estudantes da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), buscando evidenciar suas interfaces com o engajamento e pertencimento político e religioso – compreendidos enquanto variáveis socioculturais que influenciam na definição e constituição da juventude.

Materiais e métodos

Participaram da investigação jovens universitários até 29 anos, ingressantes em 2014 de todos os cursos de Graduação da Universidade Estadual do Paraná, câmpus de Campo Mourão, a saber: Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Geografia, História, Letras (todos em período noturno), Pedagogia (matutino e noturno) e Engenharia de Produção Agroindustrial (integral). Foram observados os princípios éticos de pesquisa com seres humanos, tendo os jovens participado voluntariamente da investigação. Cabe ressaltar que a referida Instituição de Ensino Superior está localizada na Mesorregião Centro Ocidental do estado, no município de Campo Mourão, que conta com uma população de mais de 90 mil habitantes. A Universidade atende a estudantes oriundos não apenas do município, mas de toda a Mesorregião e outras localidades.

Os dados foram coletados em duas etapas. Em um primeiro momento, foi aplicado um questionário eletrônico a todos os estudantes, tendo respondido ao instrumento um total de 282 jovens. Com base no perfil traçado e nas respostas obtidas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto a 3 jovens, selecionados a partir das respostas dadas no questionário. A definição dos jovens entrevistados levou em consideração a idade – todos com 19 anos –, as denominações religiosas mais recorrentes dentre os participantes e por apresentarem, em suas respostas, intensa participação em atividades sociais e políticas. Os jovens foram convidados antecipadamente, tendo sido realizadas as entrevistas com aqueles que expressaram concordância em participar da pesquisa. Todos os nomes utilizados no presente texto são fictícios, a fim de garantir o anonimato dos participantes.

Resultados e discussão

Dos 282 jovens que participaram da investigação, respondendo ao questionário aplicado, 48,2% residem em Campo Mourão, enquanto que mais da metade declarou residir em outros municípios. Dentre os participantes, 65,6% pertencem ao sexo feminino e 34,4% ao sexo masculino, e a faixa etária predominante foi de 18 a 19 anos, representando 55% dos jovens. No que diz respeito à identidade racial, 65,6% se autodeclararam brancos, 26,2% pardos, 6,7% negros e 1,4% amarelos.

Do total de jovens estudantes, 73,4% estão cursando pela primeira vez o ensino superior, enquanto que 19,1% já iniciaram outros cursos, mas desistiram antes de seu término, 7,8% já são graduados e 0,7% realizam outro curso concomitantemente. No que concerne à escolha do atual curso de Graduação, em questão de resposta múltipla, 66,7% alegam tê-lo escolhido respeitando seus interesses pessoais, 48,6% fizeram a escolha embasados nas oportunidades do mercado de trabalho, enquanto que 22% apoiaram a decisão na influência familiar.

Ainda sobre a vida acadêmica, a maioria é oriunda de escolas públicas, nas quais mais de 90% cursou o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Os jovens, em sua maioria, são solteiros (87,9%), sendo que 72,7% moram com a mãe e 57,1% com o pai. No que diz respeito à atividade econômica, 37,5% dos jovens trabalham com carteira assinada, 19,5% realizam estágio remunerado e 15,6% trabalham sem carteira assinada. Sobre a renda total das pessoas que moram em suas casas, 47,2% concentram-se entre R\$1.448,01 e R\$3.620,00 e 31,5% trabalham e contribuem com a renda da família.

Quanto à religião/crença, podemos observar na Tabela 1 que os maiores pertencimentos se revelaram nos Católicos Apostólicos Romanos (65,9%), Evangélicos (16%, somando-se todas as denominações), e naqueles que acreditam em Deus, mas não participam de religião (6,7%).

Tabela 1 – Sobre a religião/crença dos ingressantes em 2014

Qual é a sua religião/crença?	Quantidade	Porcentagem
Católica	186	65,9%
Evangélica	45	16,0%
Congregação Cristã do Brasil	11	3,9%
Presbiteriana do Brasil	10	3,5%
Assembleia de Deus	10	3,5%
Quadrangular	6	2,1%
Batista	5	1,8%
Adventista	1	0,3%
Luterana	1	0,3%
Metodista	1	0,3%
Acredito em Deus, mas não possuo religião	19	6,7%
Ateu	7	2,5%
Espírita	2	0,7%
Religião não determinada ou múltiplo pertencimento	2	0,7%
Agnóstica	1	0,3%

Vale mencionar que 83% dos jovens participantes declararam possuir vínculo com alguma religião. Trata-se de um dado significativo, e que sugere a grande religiosidade expressa pelos participantes, pondo em questão um discurso recorrente que deposita nos jovens a apatia e a descrença.

Ainda sobre a vinculação religiosa, em pergunta de resposta múltipla, os jovens revelaram em sua grande maioria ter escolhido sua religião/crença por influência familiar (76,2%), seguida de motivos pessoais (35,5%). No que diz respeito à participação religiosa, 49,3% afirmaram frequentar semanalmente os encontros e/ou atividades relacionadas à sua igreja. Cabe mencionar que 50% nunca frequentaram outra religião e 40,8% somente em ocasiões especiais. Dos elementos vinculados à religião dos quais mais gostam, os jovens mencionaram a música/canto/louvor e a oração (cada qual com 50,7%).

Das atividades, organizações ou movimentos sociais em que os jovens mais participam, destacaram-se as campanhas solidárias (65,9%), os grupos vinculados a igrejas (64,9%) e visitas a instituições caritativas (53,5%). Percebe-se pouco envolvimento e participação em atividades consideradas tradicionalmente como políticas, principalmente no que se refere à sua institucionalidade, como no caso da participação em partidos políticos (7,1%). Outros tipos de engajamento e participação, como grupos estudantis, voluntariado em ONGs, manifestações pela paz, ecológicos, greves e sindicatos obtiveram baixos índices percentuais. Estes dados corroboram com a pesquisa desenvolvida pelo ISER no Rio de Janeiro, no ano de 2002, na qual as pesquisadoras Regina Novaes e Cecília Mello constataram que a participação juvenil em espaços coletivos se dá, sobretudo, nos grupos

religiosos, ultrapassando as agremiações estudantis, os partidos políticos, as organizações ambientalistas, associações comunitárias, etc. (Nigri, 2010).

Apesar do baixo engajamento em partidos políticos, a presença dos jovens na esfera pública é significativa, principalmente em atividades de cunho social. Diante disso, não há como negar a influência de tais participações na constituição de identidades juvenis, enquanto produtoras de sentidos e, por consequência, produtoras de significados para a sociedade. Vale mencionar que a aparente rejeição dos jovens aos espaços da política tradicional não significa necessariamente alienação, mas uma crítica reveladora da necessidade do surgimento de outras vias de participação, mais representativas e democráticas (Mesquita & Oliveira, 2013).

Nas entrevistas realizadas com os 3 jovens, vinculados às religiões Católica, Assembléia de Deus e Presbiteriana Renovada, os participantes atribuíram o significado de incerteza ao futuro, tendo em vista a possibilidade de não conseguirem emprego nas suas áreas de formação. Gabriel (19 anos, Católico) afirma: “O medo é de estar desempregado, por exemplo”. Os relatos a seguir vão na mesma direção:

“Eu pretendo ter um futuro estabilizado, e querendo ou não o emprego é o que vai te estabilizar futuramente, porque como é que você vai viver sem dinheiro, né? Acho que o maior medo é isso, de não conseguir ter uma vida estável, de viver bem. Tenho bastante medo de não conseguir trabalhar na minha área” (Renata, 19 anos, Igreja Presbiteriana Renovada).

“Eu tenho medo em relação à parte profissional, de não conseguir um bom emprego e ficar muito frustrada. As pessoas estão muito doidas correndo atrás do que elas querem! Acho que no futuro teremos muita competição, não será fácil conseguir um emprego bom” (Patrícia, 19 anos, Assembléia de Deus).

Além do destaque nas entrevistas, é válido mencionar que a “dedicação ao trabalho” apareceu no questionário como um dos valores mais importantes para os jovens (96,8%, ficando em primeiro lugar, empatado com “respeito às diferenças” e “respeito ao meio ambiente”), à frente de valores em geral associados à juventude como, por exemplo, a “liberdade individual”, “prazer sexual” e “lazer e diversão”. Ainda sobre esta valoração, ao perguntarmos nas entrevistas sobre seus projetos de vida, o trabalho foi novamente mencionado pelos 3 jovens. Gabriel (19 anos, Católico) afirma: “Meu objetivo é me formar e a princípio ter meu próprio negócio, ser empresário no setor de contabilidade”. Já Renata (19 anos, Presbiteriana Renovada) alega: “Pretendo terminar a faculdade e me inserir no meio de trabalho fazendo aquilo que eu me formei”. Por fim, segundo Patrícia (19 anos, Assembléia de Deus): “Eu quero fazer um concurso público ou trabalhar em um banco (eu faço Administração né, então é meio clichê) ou em um cargo na prefeitura, eu já entrei na faculdade pensando em concurso”.

Quanto ao medo de não conseguirem trabalhar em suas áreas de formação, cabe mencionar os dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2012), que apontam cerca de 75 milhões de jovens desempregados no mundo em 2012, representando um aumento de mais de 4 milhões desde 2007. Já na América Latina, existem cerca de 108 milhões de jovens, dos quais 56 milhões fazem parte da força de trabalho (têm um emprego ou estão em busca de uma ocupação) e, mesmo que a taxa de desemprego tenha baixa-

do em 16,4% do ano de 2005 para 2011, os jovens de 15 a 24 anos continuam a enfrentar dificuldades para encontrar um emprego. No que se refere ao emprego de qualidade, 55,6% dos jovens ocupados conseguem emprego em condições de informalidade, o que geralmente implica em salários baixos, instabilidade laboral e carência de proteção e direitos (OIT, 2014). Por este motivo, consideramos uma preocupação real, pautada em informações como esta, que evidenciam a escassez de oportunidades de inserção juvenil no mercado de trabalho.

Leccardi (2005) chama atenção para o fato de que a maior parte dos jovens, em resposta às condições sociais de grande insegurança e de risco para com o futuro, encontra refúgio, sobretudo, em projetos de curto prazo, assumindo o que a autora chama de presente estendido como área temporal de referência. Este presente estendido, continua, pode ocorrer como uma reação à inquietação que a própria palavra futuro evoca, ou por assumir características de formas projetivas marcadas pela concretude, capazes de responder às pressões sociais que demandam resultados imediatos.

Nesse sentido, Damon (2009) entende que, ainda que alguns jovens possam ter aspirações claras para seu futuro, sendo fortemente motivados, perseverantes e criadores de planos para atingir suas ambições, muitos são aqueles que se encontram confusos, sentindo-se sem rumos diante das sérias escolhas que terão de fazer ao chegarem à idade adulta. Desse modo, Damon (2009) expõe a importância de os jovens gastarem certo tempo de suas rotinas examinando a si próprios, conhecendo-se, pensando no futuro e procurando as oportunidades que correspondam aos seus interesses e ambições. Para muitos jovens, um período prolongado de reflexão durante a adolescência pode ser necessário para estabelecer uma autoidentidade satisfatória e um rumo positivo na vida (Damon, 2009).

Faz-se importante mencionar que a atividade de pensar e fazer escolhas não se impunha até a contemporaneidade como uma necessidade, passando agora a valer como um requisito para se conseguir um emprego, um sustento e, conseqüentemente, o ingresso no mundo adulto. Conforme Dib & Castro (2010, p. 2), com a “aproximação do momento da inserção profissional, os jovens universitários se deparam com uma nova dinâmica nas suas biografias, na qual o tempo deixa de ser aquilo que simplesmente passa e o futuro, o que seguramente chega”.

De acordo com Dib & Castro (2010), ao invés de um tempo de longo prazo orientado para o futuro como espaço de projeção e realização dos objetivos traçados no presente, o que se percebe é que a ideia de projeto apresentada pelos jovens pesquisados aproxima-se do modelo fluido e reflexivo da modernidade líquida referida por Bauman (2007). Tal modelo, continuam Dib & Castro (2010, p. 12), “além de acolher as diferentes expressões de incertezas dos jovens contemporâneos, deixa-se conduzir pelos complexos itinerários que as imprecisões imprimem nas suas trajetórias”.

Segundo as autoras, as transformações nas macroestruturas e seus impactos sobre a forma como os indivíduos se relacionam com o trabalho e o futuro nas sociedades capitalistas influenciam a construção da trajetória profissional dos jovens. Questionamo-nos assim, junto às autoras, sobre a maneira como os jovens têm se posicionado diante da exigência de se tornarem produtivos, assim como o lugar que ocupam e as condições que desfrutam para a elaboração de um projeto profissional no contemporâneo (Dib & Castro, 2010).

No que diz respeito às influências que receberam na constituição de seus projetos, os 3 jovens entrevistados destacaram a relevância que a religião e a família assumem nesse processo:

“Eu sempre tive esses sonhos. Na minha igreja eles sempre dizem que a gente precisa ter um trabalho, viver bem, se sustentar e ter uma família, e eu acredito que isso é preciso mesmo, não podemos ficar sozinhos pro resto da vida. Eu aprendi e cresci com isso, que vou terminar a faculdade, casar e ter filhos, nessa ordem” (Renata, 19 anos, Presbiteriana Renovada).

“Desde que eu me entendo por gente, nós frequentamos a mesma igreja, e a igreja tem toda uma estrutura, ou melhor, pra tudo já tem um modelo, e por já estar introduzida nesse meio desde muito cedo, a gente está acostumado a ver e acaba produzindo isso na nossa vida também. [...] justamente por minha família não ter tido essa oportunidade que eu tenho hoje, de estudar, fazer uma faculdade e tudo mais, eles sempre me incentivaram muito.” (Patrícia, 19 anos, Assembleia de Deus).

“A família da minha mãe é de sítio, não estudavam muito. Minha mãe conseguiu terminar os estudos com 23 anos, e já estava com 3 filhos. Ela sempre me apoiou muito e me incentivou muito a estudar” (Gabriel, 19 anos, Católico).

Ainda sobre as influências na constituição de projetos de vida, o trecho a seguir evidencia a centralidade que a religião assume na vida desses jovens, bem como a possibilidade de ela ser um conforto diante às incertezas do futuro:

“Eu acho que a fé me ajuda a efetivar meus projetos de vida. Na igreja a gente é ensinado a cada dia a fortalecer a fé, a acreditar em um Deus que nos ajuda, então mesmo na questão profissional e familiar, a partir do momento que a gente acredita que tem um Ser que cuida da gente, que pode dar força e tudo o mais que a gente precisa pra conquistar, a gente fica com mais força de vontade, mesmo sabendo que pode dar algo de errado até chegarmos no nosso objetivo final. Vai dar tudo certo, a gente se sente seguro porque tem alguém por de trás guiando nosso caminho” (Patrícia, 19 anos, Assembleia de Deus).

Damon (2009) afirma que as tradições religiosas – quaisquer que sejam – manifestam a noção de que quanto mais próximo seus fiéis estiverem do propósito de Deus, mais satisfeitos e realizados serão. Para o autor, o projeto baseado na fé tem o poder de encaminhar a vida em direções positivas, pelo menos para aqueles jovens que se consideram religiosos e devotos. Portanto, a religiosidade pode desempenhar um papel positivo no desenvolvimento saudável da juventude.

A partir dos valores transmitidos pela instituição religiosa, nota-se que os projetos de vida dos jovens têm sido pautados tendo como referência seus vínculos religiosos, diferentemente do que percebemos com relação à esfera da política, representada pela pouca participação em instâncias formais e regulamentadas. Apesar do baixo engajamento em atividades partidárias, agremiações e sindicatos, os jovens revelaram novas formas de participação e ativismo, como por exemplo, na ação social voluntária. Esta participação é

representada pelos jovens como uma forma de fazer o bem e ter um retorno imediato. Essa é a compreensão dos jovens entrevistados:

“no trabalho solidário, a gente vê uma recompensa, não é financeiro nem nada, mas quando você faz um trabalho e vê a pessoa agradecendo e você sabe que ela estava precisando, isso muda uma vida, é um sentimento de gratidão e isso incentiva a voltar e fazer mais” (Patrícia, 19 anos, Assembleia de Deus).

Faz-se mister destacar que a participação solidária também perpassa, ou melhor, tem como base e referência o que é incentivado pelas instituições religiosas, como pode ser constatado a seguir:

“As igrejas em geral têm bastante dessas campanhas de cunho solidário, doação de roupa, doação de sangue, até doação de órgãos. Como a igreja prega essa ideia de amor ao próximo, então acaba sendo incentivado a praticarmos essas ações também” (Patrícia, 19 anos, Assembleia de Deus).

“Minha igreja incentiva essa participação, inclusive semana passada fizemos uma campanha do agasalho. Eles também arrecadam dinheiro na igreja para dar cesta básica às pessoas que não têm condições, então com frequência a gente realiza essas atividades” (Renata, 19 anos, Presbiteriana Renovada).

“Lá a participação social está vinculada à arrecadação de alimentos, campanha de agasalhos. O jovem na igreja não tem como fazer muita coisa. É tipo isso, ajudar. A participação do jovem na igreja é a mesma que ele faz em ONGs, por exemplo” (Gabriel, 19 anos, Católico).

Notamos que a participação dos jovens em atividades solidárias é, em muito, incentivada pelas instituições religiosas nas quais estão inseridos. Tal participação parece vinculada ao retorno imediato de suas ações, o que, pela via da política formal, parece não acontecer. Em contrapartida, percebemos que a solidariedade praticada pelos jovens assume uma ótica benevolente, movida por causas humanitárias, cujo argumento maior é o de fazer o bem aos que dele necessitam. Esta perspectiva beneficente é pontual e imediata, não chegando a atingir um status de engajamento, haja vista não conduzir a uma leitura política do mundo, nem favorecendo o questionamento sobre o funcionamento geral da sociedade e as situações de desigualdade e/ou injustiça social (Castro, Pérez, & Seixas, 2010).

Ainda assim, vale ressaltar que a participação dos jovens em atividades voluntárias e solidárias é marcada por valores da condição juvenil contemporânea, a exemplo do prazer de estar junto, o convívio e a amizade (Castro, Pérez, & Seixas, 2010). Segundo relatam os próprios jovens, tais atividades também podem ser consideradas políticas, entendidas como uma forma de pensar no coletivo e no bem maior. Nesse sentido, consideramos que a responsabilização frente ao destino comum pode encontrar em diferentes vias as fontes de participação (Castro, 2008) e, por este motivo, percebemos que o trabalho solidário pode vir a se configurar a partir de um viés político, ao tentar construir ou mesmo reformar a sociedade a partir de ações menores e mais próximas aos jovens (Castro, 2015).

Considerações finais

Os dados aqui apresentados exploram uma perspectiva do perfil dos jovens ingressantes na Universidade Estadual do Paraná, câmpus de Campo Mourão, dando ênfase à constituição dos projetos de vida e sua interface com as dimensões da religião e da política.

A análise dos dados possibilitou uma aproximação com as preocupações específicas dos jovens quanto ao futuro e ao mundo do trabalho, estando estas esferas estreitamente articuladas à construção de seus projetos de vida e denotando um sentimento de insegurança e incerteza. Ademais, chama atenção a relevância da religiosidade na vida dos jovens, sendo que os valores transmitidos pela religião perpassam pelas vidas e projetos dos participantes da pesquisa. Os resultados sugerem ainda uma maior participação e vinculação religiosa se comparada à participação em atividades da política institucional, sobretudo aquelas atreladas ao Estado. Foi ainda expressiva a participação dos jovens em atividades de cunho social e assistencial, muitas delas incentivadas pela própria religião, o que permite especular acerca de novas formas e estratégias de participação política e social.

Agradecimentos: Agradecemos à Fundação Araucária e ao CNPq pelo apoio financeiro à pesquisa, vinculada ao Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder. Agradecemos, ainda, à Fundação Araucária e à CAPES, pela bolsa de mestrado recebida.

Referências

- Arantes, V. A., Danza, H. C., Pinheiro, V. P. G., & Pátaro, C. S. O. (2016). Projetos de vida, juventude e educação moral. *International Studies on Law and Education*, 23, 77-94.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beck, U. (2011). *Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade* (2ª ed.). São Paulo: Editora 34.
- Boghossian, C. & Minayo, M. C. (2009). Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Revista Saúde e Sociedade*, 18(3), 411-423.
- Bonini, L. F., Mezzomo, F., & Pátaro, C. S. O. (2016). Representações político-religiosas de jovens sem religião. In F. A. Mezzomo, C. S. O. Pátaro, & F. A. Hahn (Orgs.), *Religião, cultura e espaço público* (pp. 149-165). São Paulo: Olho D'Água.
- Castro, L. R. (2008). Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. *Revista de Sociologia Política*, 16(30), 253-268.
- Castro, L. R. (2015). Reflexões sobre juventude brasileira e engajamento político-social (Entrevista concedida a Lara Bonini e Thaís Serafim). *Revista NUPEM*, 7(12), 11-19.

- Castro, L. R., Pérez, B., & Seixas, C. (2010). Os jovens no trabalho solidário: novos rumos da participação política? *Juventude.br*, 5, 42-47.
- Damon, W. (2009). *O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes*. São Paulo: Summus.
- Danza, H. C. (2014). *Projeto de vida e educação moral: um estudo na perspectiva da teoria dos modelos organizadores do pensamento*. (Dissertação de mestrado, São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).
- Dayrell, J. T. (1999). Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista*, 30, 25-39.
- Dib, S. K. & Castro, L. R. (2010). O trabalho é o projeto de vida para os jovens? *Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho*, 13(1), 1-15.
- Dubar, C. (2006). *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
- Fernandes, S. R. A. (2011). Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais da Baixada Fluminense: algumas proposições a partir de um survey. *Religião e Sociedade*, 31(1), 96-125.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Leão, G., Dayrell, J. T., & Reis, J. B. (2011). Juventude, projetos de vida e ensino médio. *Educação & Sociedade*, 32(117), 1067-1084.
- Leccardi, C. (2005). Por um novo significado de futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social*, 17(2), 35-57.
- Machado, N. J. (2004). *Educação: Projetos e valores*. (5a ed.). São Paulo: Escrituras Editora.
- Melucci, A. & Fabbrini, A. *L'età dell'oro: Adolescenti tra sogno ed esperienza*. Milano: Feltrinelli, 2000.
- Mesquita, M. R. & Oliveira, A. C. M. (2013). Juventudes, movimentos e culturas: a participação política de jovens na cidade de Maceió. *Estudos de Psicologia*, 18(2), 379-387.
- Montoya, Á. G. (2010). De organizaciones a colectivos juveniles: panorama de la participación política juvenil. *Ultima Década*, 32, 61-83.
- Nigri, S. D. (2010). *Juventude e religião em debate: um estudo sobre a participação dos jovens evangélicos na construção de políticas públicas de juventude*. (Monografia, Vitória, Universidade Federal de Minas Gerais).
- Novaes, R. (2012). Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. *Religião e Sociedade*, 32(1), 184-208.
- Organização Internacional do Trabalho (OIT) (2012). *Tendências globais de emprego 2012: emprego juvenil*. Brasília: OIT.
- Organização Internacional do Trabalho (OIT) (2014). *Desemprego e informalidade afetam os jovens da América Latina*. Brasília: OIT.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2014a). *Relatório do desenvolvimento humano 2014: sustentar o progresso humano: reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência*. New York: PNUD.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2014b). *Youth Strategy 2014-2017: Empowered youth, sustainable future*. UNDP, New York.

Ribeiro, R. J. (2004). Política e juventude: o que fica da energia. In R. Novaes & P. Vannuchi (Orgs.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 19-33). São Paulo: Perseu Abramo.

Scherer-Warren, I. (2014). Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. *Caderno CRH*, 27(71), 417-429.

Sofiatti, F. (2011). *Religião e juventude: os carismáticos*. São Paulo: Idéias & Letras.

Tavares, F. & Camurça, M. (2009). Juventudes e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. In L. Perez, F. Tavares, & M. Camurça, *Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política* (pp. 21-49). Belo Horizonte: Argumentvm.

Recebido / Received: 15/10/2016
Aprovado / Approved: 16/12/2016